

INTERDEPENDÊNCIA COMPLEXA E O FUTURO DA GUERRA

COMPLEX INTERDEPENDENCE AND THE FUTURE OF WAR

CEL R1 PAULO ROBERTO DA SILVA GOMES FILHO

RESUMO

O livro *Poder e Interdependência, a política mundial em transição*, de Robert Keohane e Joseph Nye, apresentou ao mundo a teoria da interdependência complexa e tornou-se, rapidamente, uma referência, porque grande parte de seus pressupostos acabou se confirmando na acelerada globalização a que o mundo assistiu, especialmente, a partir da década de 1990. Sob os efeitos do fenômeno da interdependência, os Estados passariam a ser reciprocamente afetados pelas implicações das transações que efetivavam, pelo fluxo de pessoas, bens e ideias. Uma das características da interdependência complexa seria seu papel inibidor do uso da força militar contra Estados com os quais relações de interdependência prevalecessem. Assim, o objetivo deste artigo é analisar como eventos recentes - a pandemia da Covid-19 e a guerra na Ucrânia- desafiam essa percepção.

PALAVRAS-CHAVE

Interdependência complexa; Ucrânia; Guerra; Conflito

ABSTRACT

The book *Power and Interdependence, World Politics in Transition*, by Robert Keohane and Joseph Nye, introduced the world to the theory of complex interdependence and quickly became a reference because most of its assumptions were confirmed in the accelerated globalization that the world has seen, especially since the 1990s. Under the effects of the phenomenon of interdependence, states would be reciprocally affected by the implications of the transactions they carried out, by the flow of people, goods and ideas. One of the characteristics of complex interdependence would be its role in inhibiting the use of military force against states with which interdependence relations prevailed. Thus, the purpose of this article is to analyze how recent events-the Covid-19 pandemic and the war in Ukraine-challenge this perception.

KEYWORDS

Complex interdependence; Ukraine; War; Conflict

O AUTOR

Oficial de Cavalaria da Reserva Remunerada do Exército Brasileiro (AMAN 1990). Mestre em Operações Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME 2008). Especialista em História Militar pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL 2010). Mestre em Estudos de Defesa e Estratégia pela Universidade Nacional de Defesa da República Popular da China (Beijing 2016).





O mundo diminuiu, mas as nações não se aproximaram.
(Henry Kissinger)



1. Introdução

Robert Keohane e Joseph Nye publicaram um livro que, muito rapidamente, tornar-se-ia um clássico: *“Poder e Interdependência, a política mundial em transição”* (1989). Os dois autores lançavam suas ideias acerca da teoria da interdependência complexa, praticamente, ao mesmo tempo em que os Estados Unidos encerravam sua guerra no Vietnã, sob todos os impactos que a campanha do sudeste asiático trouxe para o pensamento político/estratégico/militar norte-americano, em particular, e Ocidental, em geral.

Na obra, Keohane e Nye apresentam um contraponto à teoria realista das Relações Internacionais, dominante à época, especialmente no que concerne a três de seus principais pressupostos:

de que os Estados Nacionais são os atores dominantes na política mundial e que agem como unidades coerentes; que o uso (ou a ameaça do uso) da força é a forma mais efetiva de exercício do poder, e que existe uma hierarquia de temas na política mundial, na qual há um predomínio das questões de segurança militar sobre assuntos econômicos e sociais. (1989, p.23) (*tradução nossa*)

A política de aproximação entre os EUA e a China, iniciada em 1971 pelo presidente Nixon e por seu assessor de segurança nacional e, mais tarde, Secretário de Estado, Henry Kissinger, colaborava para o convencimento dos autores de que eles

viviam realmente uma fase de profundas mudanças na Ordem Mundial. Em 1975, Kissinger declarava: “O mundo se tornou interdependente na economia, nas comunicações e nas aspirações humanas”¹.

Tal interdependência nas Relações Internacionais significava que os Estados estavam reciprocamente afetados pelos efeitos das transações internacionais que efetivavam, e pelos fluxos de pessoas, bens e ideias que passaram a transitar cada vez mais livres pelos espaços mundiais.

Keohane e Nye apontaram três características principais na **interdependência complexa**. A **primeira** é a existência de múltiplos canais a conectar as sociedades. Nesse sentido, relacionamentos formais entre chancelarias conviveriam com laços informais que unem as elites governamentais de diferentes Estados, mas, não somente. As conexões também seriam providas, no âmbito de empresas transnacionais e no âmbito das elites das organizações.

A **segunda** característica aponta para a inexistência de uma hierarquia de temas nas relações interestatais. Com essa caracterização da interdependência, os autores objetivavam reforçar que, diferentemente do

¹Citado por Keohane e Nye, de *Poder e Interdependência* (1989, p. 3).

que afirma a escola realista, os assuntos de segurança não dominariam a agenda internacional dos Estados. Muitas outras questões surgiriam do que antes parecia ser domínio da política doméstica, mas, que na interdependência, passariam a afetar as relações entre as nações. As fronteiras entre o doméstico e o internacional estariam cada vez menos claras. Essas questões poderiam gerar diferentes níveis de conflito, passando a substituir as questões de segurança nas prioridades internacionais dos países.

Finalmente, a **última** característica da interdependência complexa é a de inibir o uso da força militar pelos governos contra Estados cujas relações de interdependência prevaleçam. Os autores reconhecem, entretanto, que a força militar pode ser útil nas relações com países de outras regiões, ou integrantes de alianças, ou blocos rivais. Cabe lembrar que os autores produziram essa teoria na década de 70, auge da guerra fria, quando as relações entre os países dos blocos rivais (capitalista e comunista) eram praticamente inexistentes, não havendo relações de interdependência dentre eles.

Portanto, a obra citada foi escrita muito antes da explosão da interconectividade que vivemos hoje, quando ainda não era possível prever-se que as chamadas cadeias globais de valor, nas quais predominam os fluxos de comércio decorrentes da terceirização de estágios produtivos, intensificar-se-iam a níveis, àquela época, inimagináveis.

No entanto, os autores não afirmam que a interdependência será indistintamente benéfica para todos os atores envolvidos. Diferentemente do conceito ecológico do mutualismo, relação cujas diferentes espécies interagem de forma mutuamente benéfica, na interdependência complexa, os atores arcarão com custos relacionados à limitação da autonomia. Assim, não haveria como afirmar que essa limitação de autonomia seria compensada pelos eventuais ganhos das relações de interdependência.

Exemplos desses custos foram expostos de forma claríssima, recentemente, na pandemia da Covid-19. Subitamente, as nações foram apresentadas à realidade de que não detinham a capacidade de produzir na quantidade exigida os equipamentos médicos, vacinas e equipamentos de proteção individual necessários a: hospitais, profissionais de saúde e seus cidadãos. Nesse sentido, foi emblemática a chamada “guerra das máscaras” à qual o mundo assistiu: uma disputa entre diferentes países pela compra de equipamentos para o enfrentamento da Covid-19. Alguns países chegaram a confiscar máscaras destinadas a outros países². Os 22 aviões cargueiros norte-americanos³ que foram buscar, na China, máscaras e equipamentos hospitalares, em 1º de

²Veja a reportagem em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52465757> Acesso em: 15 mar. 2022.

³Veja a reportagem em <https://www.nytimes.com/2020/04/01/business/corona-virus-china-masks.html> Acesso em: 15 mar. 2022.

abril de 2020, confirmaram de forma veemente o preço da dependência.

2. Uma interdependência verdadeiramente global

A pandemia da Covid-19 explicitou o nível de dependência que a maior parte dos países tem em relação à China na questão da produção de itens de saúde e de proteção individual. Porém, esse aspecto é apenas a “ponta visível do iceberg”.

A queda do muro de Berlim, o fim da guerra fria, a entrada da República Popular da China na Organização Mundial do Comércio e o avanço da tecnologia da informação e das comunicações com a popularização da internet, tudo isso, enquadrado no amplo conceito denominado “fenômeno da globalização”, levou o nível da interdependência complexa ao paroxismo, uma vez que as limitações geopolíticas que impediam o aprofundamento da interdependência entre países de diferentes blocos ideológicos, existentes quando da formulação da teoria, na década de 1970, deixaram de existir.

Assim, as duas primeiras décadas do século 21 assistiram à crescente interligação e consequente interdependência entre indivíduos, organizações e Estados. O fenômeno transbordou para todas as esferas, da econômica à política, passando pela cultura e pelas relações sociais. O mundo, definitivamente, havia se tornado uma “aldeia

global”.

Assim, a exacerbação do fenômeno da interdependência também levou à amplificação de seus efeitos colaterais, especialmente dos custos relacionados à percepção de perda da soberania e às repercussões sociais relacionadas à globalização.

3. A interdependência transformada em instrumento de coerção

Rosa Brooks, autora do livro *How everything became war and military became everything: Tales from Pentagon*, afirma: “a globalização criou um mundo em que tudo se transforma em guerra”⁴. Os fluxos financeiros e de informações, bem como o fluxo de produtos e serviços que percorrem todo o mundo criam, de um lado, riscos para os Estados, mas também, por outro lado, ferramentas para explorar ou mitigar esses mesmos riscos.

O conflito na Ucrânia, cuja fase militar iniciou-se no dia 24 de fevereiro de 2022, reúne vários exemplos de que a interdependência econômica pode ser usada como instrumento de coerção. O principal deles é a adoção de sanções econômicas.

Mesmo antes da invasão propriamente dita, o governo dos EUA e seus aliados ameaçaram a Rússia com sanções econômicas nunca vistas. E, iniciada a invasão russa, as sanções foram efetivadas. Dessa forma, uma variada gama de ações foi adotada, todas com

⁴Rosa Brooks (*apud* FARREL; NEWMAN, 2019, p. 43)

o objetivo de retaliar a Rússia: bancos do país foram banidos do sistema SWIFT, empresas aéreas impedidas de voar sobre extensas áreas da Europa, restrições às importações e exportações de determinados tipos de bens e serviços, dentre muitas outras⁵.

Contudo, as sanções não se restringiram às ações dirigidas a afetar o Estado russo. Cidadãos também foram alvos de sanções, como pessoas físicas. Essas medidas têm o objetivo claro de mitigar o apoio que determinadas pessoas emprestam ao governo do país, na tentativa de se criar uma oposição doméstica ao próprio governo.

Portanto, essa é uma ferramenta que pode ser utilizada nas duas direções. No caso, a enorme dependência europeia das fontes energéticas russas impõe a muitos países a constrangedora posição de continuar comprando gás natural e petróleo russo, mesmo durante a guerra, financiando, ainda que indiretamente, o esforço de guerra adversário. Por sua vez, a Rússia, apesar de continuar o fornecimento, também mantém a ameaça de seu corte, deixando os europeus sob pressão.

4. E o futuro da guerra?

Enquanto as tensões em torno da Ucrânia escalavam, a partir de novembro de 2021, muitos analistas acreditavam que a crise

⁵Veja uma lista completa aqui: <https://graphics.reuters.com/UKRAINE-CRISIS/SANCTIONS/byvrjenzmve/> Acesso em: 15 mar. 2022.

não chegaria ao nível do conflito armado, muito menos na intensidade a que se assistiu, com a eclosão de uma guerra de alta intensidade, na qual cidades foram completamente arrasadas por bombardeios incessantes.

Tal crença justificava-se, em maior ou menor grau, pela terceira característica da interdependência complexa, apresentada na primeira seção deste ensaio, de ser inibidora do uso da força quando os Estados mantêm entre si os laços da interdependência. E, no caso da guerra na Ucrânia, tais laços entre russos, ucranianos e europeus estão claramente presentes.

Então, por que a interdependência ampliada pela globalização foi incapaz de evitar o conflito? A resposta a essa questão permanecerá em aberto até que a “névoa da guerra” clausewitziana⁶ se dissipe, e possamos avaliar com clareza todos os acontecimentos. No momento, tateando em meio ao espesso nevoeiro, podemos apenas inferir algumas causas.

Talvez o sistema internacional esteja retornando à multipolaridade e, justamente por isso, os russos tenham encontrado muitos países, com especial destaque à China e à Índia, mas não só esses, com disposição e capacidade política, comercial e financeira de

⁶ “A névoa da guerra” é uma expressão muito usada para descrever a complexidade dos conflitos militares. Sua autoria é frequentemente atribuída a Clausewitz, mas, na verdade, é uma paráfrase do que ele disse: “A guerra é o reino da incerteza; três quartos dos fatores em que se baseia a ação na guerra estão envoltos em uma névoa de maior ou menor incerteza.”

não aderir às sanções lideradas pelos EUA. Pelo contrário, quiçá esses países tenham justamente encontrado nessa conjuntura a oportunidade de aprofundar seus laços econômicos com os russos, mitigando os efeitos da coerção econômica imposta pelas sanções.

Talvez, mesmo ciente dos altos custos materiais e humanos da guerra e sabedor de que a globalização e a interdependência amplificam ainda mais seus efeitos, o governo russo tenha sido impelido à ação por fatores históricos, culturais, políticos e estratégicos julgados tão relevantes que justificariam os custos, por mais altos que fossem.

Talvez tenha havido uma monumental falha de percepção da realidade dos fatos, que tenha ofuscado a compreensão dos decisores russos, impedindo-os de avaliar corretamente o nível de resistência que seria imposta pelos ucranianos em face da invasão do solo de sua pátria.

O mais provável é que no todo, ou em parte, as três hipóteses anteriores estejam presentes na explicação vindoura desse conflito. De qualquer maneira, elas alertam para o que esperar do futuro. Sun Tzu, cinco séculos antes de Cristo, afirmou que a guerra é de vital importância para o Estado⁷. O conflito em análise mostra como a guerra mantém essa característica até os dias atuais. E possuindo tal importância, certamente, terá sua

⁷“A guerra é um assunto de importância vital para o estado; o reino da vida ou da morte; o caminho para a sobrevivência ou a ruína.” (SUN TZU, *A Arte da Guerra*, cap. 1)

ocorrência condicionada por uma variada gama de fatores, alguns lógicos e perfeitamente racionais, como o que propõe a interdependência complexa como inibidora do uso da força, mas também por outros advindos dos mais recônditos espaços da psique humana, onde a frustração, a raiva e a irracionalidade dos tomadores de decisão – e mesmo de populações inteiras – pode acender o estopim da guerra.

“Somente os mortos viram o fim da guerra” (RAMO, 2010), afirmou George Santayana ao fim da Primeira Guerra Mundial. O filósofo inglês antevia que a Grande guerra não fora capaz de resolver as questões que causariam a Segunda Guerra Mundial.

Infelizmente, a guerra na Ucrânia reafirma Santayana. A humanidade ainda está muito longe do dia sonhado pelo General Osório, em que os países queimariam seus arsenais⁸.

Referências

FARREL, Henry; NEWMAN, Abraham L.; *Weaponized Interdependence. How global economic networks shape State coercion*. International security, vol. 44, nº 1, p. 42-79, jul. 2019.

GALVÃO, Marcos B. A. O Realismo de cada um: interdependência e relações políticas entre Estados no mundo pós Guerra Fria. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, vol. 6, nº 12, p. 149-161, 1993.

KEOHANE, Robert O.; NYE JR., Joseph S. *Power and interdependence*. Harper Collins Publishers, 1989.

RAMO, Joshua Cooper. *A era do inconcebível*. 1. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010.

⁸ “A data mais feliz de minha vida seria aquela em que os povos civilizados festejam sua confraternização, queimando os arsenais.” (Marechal Manuel Luis Osório)